A PSICOMOTRICIDADE E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

 Rosangela de Cassia Camarinho\*\*

Rosângela Benatti (Orientadora)\*\*\*

RESUMO:

Neste artigo tenho por objetivos conhecer, analisar e refletir sobre as idéias de autores que discorrem sobre a psicomotricidade e assim compreender de que forma a psicomotricidade pode ajudar no desenvolvimento infantil. O presente artigo foi desenvolvido através de uma revisão bibliográfica das mais relevantes contribuições de autores como Picq e Vayer, Wallon e Le Boulch entre outros. Sendo assim, através deste artigo quero fazer algumas considerações sobre a importância da Psicomotricidade na Educação Infantil, visando o equilíbrio e o desenvolvimento motor, intelectual e afetivo da criança.

Finalizando entendi a importância da Psicomotricidade para a educação infantil como instrumento do fortalecimento da criança enquanto sujeito, e servindo como ferramenta para todas as áreas de estudo voltadas para a organização afetiva, motora, social e intelectual do aluno.

PALAVRAS-CHAVE: Psicomotricidade; Desenvolvimento Infantil;

\*Artigo apresentado para conclusão do curso de pós-graduação Lato Sensu em Educação Especial e Psicomotricidade pela Faculdade de Educação São Luís.

\*\*Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná. Atuo como Professora de Educação Básica. Email rocamarin2010@hotmail.com

\*\*\* Rosângela Benatti, Docente de pós-graduação da Faculdade de Educação

 São Luís e tutora da Faculdade de Educação São Luís. Experiência na área de Educação, com ênfase em Deficiência Intelectual e Visual.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo apresentar algumas considerações sobre a importância da Psicomotricidade para o desenvolvimento infantil.

 O movimento faz parte do ser humano desde antes de seu nascimento, e é através do movimento que ele irá se conhecer e se relacionar com o mundo, criando suas relações afetivas e constituir-se como um ser social.

A Psicomotricidade está presente em todas as atividades que desenvolvem a motricidade das crianças e contribui de maneira expressiva para a formação e estruturação do esquema corporal e tem como objetivo principal incentivar a prática do movimento em todas as etapas da vida de uma criança. Através das atividades motoras, as crianças se relacionam com o mundo em que vivem, além de se divertir, criar, interpretar.

É neste panorama que age o professor de Educação Infantil nos anos iniciais, proporcionando estratégias educativas de estimulação psicomotora, visando favorecer o desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicomotor da criança.

É preciso destacar que a Educação Infantil deve ir de encontro às necessidades básicas da criança. Segundo FREIRE (1989), “A infância é um período muito intenso de atividades: as fantasias e os movimentos ocupam quase todo o tempo da criança (P.16).

O artigo foi realizado após uma revisão bibliográfica das mais relevantes contribuições de autores como: Picq e Vayer, Wallon e Le Boulch, entre outros, que descrevem etapas do desenvolvimento motor: motricidade oral, motricidade física e motricidade ampla.

1 A PSICOMOTRICIDADE

O termo psicomotricidade aparece, pela primeira vez, no discurso médico, no campo da Neurologia, quando, no século XIX houve uma preocupação em identificar e nomear as áreas específicas do córtex cerebral segundo as funções desempenhadas por cada uma delas.

A partir da necessidade médica de encontrar uma área que explique certos fenômenos clínicos é que se nomeia, pela primeira vez, o termo psicomotricidade, no ano de 1870.

As primeiras pesquisas que dão origem ao campo psicomotor correspondem a um enfoque eminentemente neurológico.

No campo patológico destaca-se a figura de Dupré (1909, *apud* Jobim; Assis, 2013), neuropsiquiatra, de fundamental importância para o âmbito psicomotor, já que é ele quem afirma a independência da debilidade motora (antecedente do sintoma psicomotor) de um possível correlato neurológico.

Wallon, médico psicólogo, ocupa-se do movimento humano dando-lhe uma categoria fundante como instrumento na construção do psiquismo. Para ele, há uma inter-relação entre movimento, afeto, emoção, meio ambiente e hábitos do indivíduo. É a partir de seus estudos que ocorre o primeiro impulso nas pesquisas de reeducação psicomotora, dentre outras que deram força para a consolidação dessa ciência.

Na década de 70, sobre influência de Wallon, foram realizados trabalhos na área da educação com Picq e Vayer, La Pierre, Le Boulch.

De acordo com Le Boulch (1986) a educação psicomotora condiciona todos os aprendizados pré-escolares, levando a criança a tomar consciência do seu corpo no espaço e no tempo, adquirindo habilidades de coordenar seus gestos e movimentos. Previne dificuldades que possam surgir durante o processo de ensino aprendizagem na faixa etária estudada.

Piaget (1996) enfatiza que as atividades sensório-motoras são de suma importância para o desenvolvimento da inteligência. Assim sendo, a partir da Educação Infantil, deve ser dada ênfase as atividades motoras, pois são fundamentais para desenvolvimento integral das crianças.

Atualmente a psicomotricidade é reconhecida como uma ciência que se relaciona com vários campos de pesquisa que tem como foco o desenvolvimento infantil.

A Sociedade Brasileira de Psicomotricidade (fundada em 1980) a define como:

[...] a ciência que tem como objeto o homem através do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo, bem como suas possibilidades de perceber, atuar, agir com o outro, com os objetos e consigo mesmo. (SBP, 2011)

No indivíduo psiquismo e motricidade estão interligados, não podendo ser dissociados inclusive no processo educacional. O desenvolvimento integral da criança acontece através do movimento, da sua experiência e sua criatividade, e é aí que a psicomotricidade busca proporcionar na criança seu desenvolvimento integral.

A psicomotricidade enquanto ciência é definida por Müstschele (1996, p32) como:

 [...] é a educação do homem pelo movimento. Etimologicamente temos; psique: mente. Motricidade é a propriedade que possuem certas células nervosas de determinar a contração muscular. A psicomotricidade é o desenvolvimento do comportamento da criança.

Podemos entender que a criança é capaz de perceber e se relacionar com o mundo exterior através do movimento, pois ele é de suma importância para seu desenvolvimento emocional, mental e corporal.

Ajuriaguerra (1976) defende que a evolução da criança ocorre pela conscientização dela em relação ao seu corpo e trata o corpo como uma unidade essencial para o desenvolvimento mental, afetivo e motor.

Assim, a psicomotricidade organiza o equilíbrio do indivíduo, proporcionando possibilidades de encontrar seu lugar e se identificar com o meio que faz parte.

Piaget, Wallon, La Pierre e Le Boulch, enfatizam a importância da psicomotricidade no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo La Pierre (1986) e Le Boulch (1986), a psicomotricidade deve ser uma formação de base indispensável para toda criança, pois oferece uma melhor capacitação ao aluno para maior assimilação das aprendizagens escolares. Um bom desenvolvimento psicomotor proporciona a aluno algumas capacidades básicas para um desempenho escolar favorável.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (P.15):

[...] Ao movimentarem-se, as crianças expressam sentimentos,

emoções e pensamentos, ampliando as possibilidades do uso

 significativo de gestos e posturas corporais.

Assim a psicomotricidade tem um desempenho muito importante na educação infantil, partindo do movimento do corpo e envolvendo a fase não-oral da criança, onde possibilita a construção do psiquismo, interagindo com tudo e com todos que fazem parte do seu dia-a-dia.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 20 de dezembro de 1996 (Lei 9394) art. 29 “a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até 6 anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996).

Wallon diz:

(...) o movimento é a única expressão e o primeiro instrumento do

psiquismo. O movimento (ação), pensamento e linguagem são unidades

inseparáveis. O movimento é o pensamento em ato, e pensamento é o

movimento em ato (WALLON, 1979, p.33).

Para Wallon (1979), para a evolução da criança, estão relacionadas a motricidade, afetividade e a inteligência. A motricidade é uma das origens da vida intelectual, assim caracterizando-se como um dos elementos fundamentais a ser trabalhado na Educação Infantil. O conhecimento, a consciência e o desenvolvimento geral da personalidade da criança não podem ser isolados das emoções. Nesta perspectiva constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as pessoas e com o meio em que vivem.

As atividades psicomotoras visam proporcionar a ativação dos seguintes processos:

* Vivenciar estímulos sensoriais que discriminem as partes do corpo e assim exercer um controle sobre elas. Implicando na aquisição da percepção e controle do corpo, lateralidade, equilíbrio, controle muscular e controle da respiração.
* Vivenciar através da relação do próprio corpo com os objetos, noções de espaço e tempo.
* Vivenciar situações que possam facilitar o processo de aprendizagem da leitura e escrita, por meio de atividades que trabalhem a coordenação viso-manual.

Vamos agora para as principais categorias com as quais trabalha esta área do conhecimento, que são estimulação, educação, reeducação e terapia psicomotora.

1.1  **Estimulação Psicomotora**

Por estimulação psicomotora podemos entender como o processo que irá contribuir para um desenvolvimento harmonioso da criança no seu início de vida. A estimulação quer dizer despertar, desabrochar o movimento.

**1.2 Educação Psicomotora**

Já a educação psicomotora abrange todas as etapas de aprendizagens da criança, e acontece em todos os momentos da vida através das percepções vivenciadas, como uma intervenção nos aspectos cognitivos, motor e emocional, estruturando o indivíduo como um todo.

Para Le Boulch (1986, p. 25)

“A educação psicomotora deve ser considerada como uma educação de

base na escola primária. Ela condiciona todos os aprendizados pré- escolares; leva a criança a tomar consciência do seu corpo, da lateralidade, a situar-se no espaço, a dominar o tempo, a adquirir habilmente a coordenação de seus gestos e movimentos. A educação psicomotora deve ser praticada desde a mais tenra idade; conduzida com perseverança, permite prevenir inadaptações, difíceis de corrigir quando já estruturadas.”

O autor entende que é um método para enfatizar a autonomia, a eficiência e o rendimento motor, transformando o corpo em um instrumento de ação sobre o mundo e de interação com seus pares.

Portanto a educação psicomotora é uma técnica, que através de jogos e exercícios levam a criança ao seu desenvolvimento integral.

1.3 Reeducação Psicomotora

Reeducação psicomotora é a ação desenvolvida em pessoas que sofrem com perturbação ou distúrbios psicomotores. E tem como objetivo retomar as vivências anteriores com falhas ou em que as fases foram ultrapassadas inadequadamente.

1.4 Terapia psicomotora

Dirigida a indivíduos com conflitos mais profundos na sua estruturação, associados aos [aspectos] funcionais ou com desorganização total da sua harmonia corporal e pessoal. Envolve [por exemplo,] crianças com agressividade acentuada, pulsões motoras incontroladas, casos de excepcionalidade e dificuldade de relacionamento corporal e também destinadas a indivíduos que possuem associações de transtornos de personalidade. Esta baseada nas relações e análise dessas relações por meio do jogo de movimentos corporais. (BUENO, 1997, p.85)

2 ELEMENTOS DA PSICOMOTRICIDADE

Vamos agora conhecer os elementos fundamentais sobre a teoria e a técnica no campo da psicomotricidade.

2.1 ESQUEMA CORPORAL

O esquema corporal se constrói a partir da experiência corporal e se organiza pela experiência do corpo em seu meio.

Para Rosa Neto (2002), o esquema corporal pode ser definido no plano educativo como a base de toda organização da personalidade. A elaboração corporal segue as leis da maturidade céfalo-caudal, próximo distal e de movimentos globais para movimentos específicos.

Ledoux (1995, P.85), psicanalista francês, colaborador de Françoise Dolto, oferece a seguinte formulação:

O esquema corporal especifica o indivíduo como representante da espécie. Mais ou menos idêntico em todas as crianças da mesma idade, ele é uma realidade de fato, esteio e intérprete da imagem do corpo. Graças a ele, o corpo fica referido no espaço à experiência imediata. Ele é inconsciente, pré-consciente e consciente.

Segundo Le Boulch (1986) o esquema corporal, isto é, a organização das sensações relativas em seu próprio corpo em associação com os dados sensoriais múltiplos proprioceptivos, exteroceptivos e interoceptivos, exerce um papel fundamental no desenvolvimento da criança.

Sendo assim, podemos acreditar que o esquema corporal é a organização das estruturas cerebrais que irá conceder ao indivíduo a sua capacidade funcional. Essa organização é o início das diversas possibilidades de ação do seu corpo, com os indivíduos e o meio que vive, através das noções de globalidade de si, equilíbrio postural, afirmação da lateralidade, entre outras habilidades.

Segundo LÊ BOULCH (1988), o esquema corporal passa por três fases distintas:

**Corpo Vivido**: (até 3 anos) corresponde à fase sensório-motora de Piaget, começa nos primeiros meses de vida, nela o bebê ainda não tem noção do "eu", confundindo-se com o meio e seus movimentos são atividades motoras que não são pensadas para serem executadas.

**Corpo Percebido**: (de 3 a 7 anos) corresponde ao período pré-operatório de Piaget, começa por volta dos dois anos quando a criança passa a perceber-se, e tem-se o início da tomada de consciência do "eu". Diferencia-se do meio, organizando o espaço levando em conta o seu próprio corpo, começa assim a construir uma imagem mental dele. O conceito espacial como perto, longe, em cima ou embaixo começam a ser discriminados; as noções temporais relativas à duração, ordem e sucessão de eventos são compreendidas.

**Corpo Representado**: (de 7 a 12 anos) corresponde ao período operatório de PIAGET (1999). Começa aproximadamente aos sete anos quando a criança já tem noção do todo e das partes de seu corpo, assumindo e controlando seus movimentos com autonomia e independência. No final dessa fase, a criança já tem uma imagem de corpo operatória, usando-o para efetuar e programar mentalmente ações e orientando-se por pontos de referência que podem ser escolhidos. O corpo já apresenta a noção do todo e das partes do corpo, observa-se a estruturação do esquema corporal.

**2.2 IMAGEM CORPORAL**

A imagem corporal não é fixa, ou seja, passa por várias fases para que a criança possa a vir constituir-se como um ser que atua sozinha. Ela está ligada na relação de prazer e o desprazer com seus pares e o meio em que vive.

Segundo Ledoux (1991, P.84-85),

[...] [a] imagem inconsciente do corpo não é o corpo fantasiado, mas um lugar inconsciente de emissão e recepção das emoções, inicialmente focalizado nas zonas erógenas de prazer. Ela se tece em torno do prazer e do desprazer de algumas zonas erógenas. [...] trata-se de uma memória inconsciente da vivência relacional, de uma encarnação do Eu em crescimento.

Segundo Rosa Neto (2002) a imagem corporal é o resultado complexo de toda a atividade cinética, sendo esta a síntese de todas as mensagens, de todos os estímulos e de todas as ações que permitem à criança se diferenciar do mundo exterior e de fazer do Eu, o sujeito de sua própria existência, assim, o corpo acaba por ser investido de significados, de sentimentos e de valores muito particulares e absolutamente pessoais.

A imagem corporal está relacionada ao meu desejo e o desejo do outro e assim influenciando o modo como vou me relacionar comigo, com o outro e com o meio.

**2.3 TONO**

A função tônica constitui uma função organizada e específica, que prepara a musculatura para as diversas formas de atividades motoras.

É estado de tensão dos músculos, pela qual as posições das diversas partes do corpo são corretamente mantidas e que se opõe às modificações passivas dessas posições, isto é quando alongamos ou estiramos aquele músculo na direção oposta ao movimento. É uma atividade primitiva e permanente do músculo. O tônus prepara e guia gestos, expressa ao mesmo tempo a satisfação ou mal estar do sujeito, não é apenas o alcance do gesto mas o próprio gesto vivido. (MARINHO ET al, 2007).

3 DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A criança como um sujeito histórico que é, vivencia sua infância dentro do contexto histórico em que está inserida, compartilhando e produzindo, juntamente com os adultos, os valores culturais, sociais, econômicos e religiosos de seu tempo, ou seja, “[...] elas trazem a marca da geração a que pertencem” (AGOSTINHO, 2005 p. 73).

Nesse sentido, segundo Lopes e Vasconcellos (2005), as diferentes infâncias em seus diferentes contextos produzem diferentes espaços sociais e geográficos destinados às crianças. Dessa forma, a concepção de infância é atravessada pela dimensão do espaço social e do tempo histórico em que a criança está inserida.

Nessa perspectiva de criação de espaços sociais para a infância, a educação escolar se tornou um direito da criança e um dever do Estado, tornando o espaço institucional da escola um lugar socialmente reservado para as crianças. Dentro desse contexto, a educação de crianças pequenas emerge como um campo educacional que busca construir sua própria identidade a partir das especificidades e necessidades da pequena infância.

Vemos então que, a educação infantil é um espaço rico de aprendizagem para a infância, tanto psicossocial quanto cognitiva, afetiva e locomotora, pois nele a criança aprende se relacionando com os seus pares e com os educadores.

Segundo o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 17, v.03):

A diversidade de práticas pedagógicas que caracterizam o universo da educação infantil reflete diferentes concepções quanto ao sentido e funções atribuídas ao movimento no cotidiano das creches, pré-escolas e instituições afins.

Ainda segundo o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 18, v.03):

“O movimento para a criança pequena significa muito mais do que mexer partes do corpo ou deslocar-se no espaço. A criança se expressa e se comunica por meio de gestos e das mímicas faciais e interage utilizando fortemente o apoio do corpo. A dimensão corporal integra-se ao conjunto da atividade da criança. O ato motor faz-se presente em suas funções expressivas, instrumental ou de sustentação às posturas e aos gestos.”

No primeiro ano de vida da criança predomina a dimensão subjetiva do movimento, pois é através das emoções que ela interage primeiramente com os adultos no caso a família e depois com os educadores e também com outras crianças. O toque corporal, modulações da voz, começa a fazer sentido e começa aí sua aprendizagem realizando importantes conquistas na sustentação do próprio corpo.

Com o passar do tempo, podemos verificar que a criança passa muito tempo explorando o próprio corpo, mexendo com suas mãos diante dos olhos, brincando com seus pés, tentando puxar a cordinha de um brinquedo que emite som, mexer no móbile sobre o berço, descobrindo o que faz parte do seu corpo e o que vem do mundo exterior. Conquistas estas importantes para sua consciência corporal.

A preensão e a locomoção são importantes conquistas para a motricidade objetiva. Pois assim se consolida sua ação sobre o mundo, melhorando com as oportunidades oferecidas para a criança, no manuseio de objetos diferentes, na exploração do espaço.

Do primeiro ao terceiro ano de vida, que é quando a criança aprende a andar, ela se diverte em andar de um lado para o outro, sem um fim específico. Quanto mais ela exercita sua nova capacidade, ganha amadurecimento do sistema nervoso, aprimorando o seu andar e depois ampliando para outros movimentos como correr, pular e outras formas de movimento.

Nesta fase também, ela passa a ter uma experiência com a disponibilidade das mãos, onde ela passa a mexer em tudo, explora curiosa tudo o que pode alcançar, e não para em lugar algum. Aprendendo assim, aos poucos, coordenar os seus gestos e os movimentos as suas necessidades.

Outro aspecto da expressão do ato motor nesta fase é o desenvolvimento dos gestos simbólicos, os ligados ao faz de conta e os que possuem função indicativa, como dar tchau, apontar, etc.

No processo da educação infantil, o professor é primordial, pois é aquele que cria os espaços, oferece os materiais e participa das brincadeiras, ou seja, media a construção do conhecimento.

A função do brincar na infância é tão importante e indispensável quanto o comer, dormir, falar etc. É por meio dessas atividades que a criança alimenta seu sistema emocional, psíquico e cognitivo.

Dos quatro aos seis anos é a fase em que os gestos instrumentais ganham cada vez mais precisão, como segurar o lápis, fazer o encaixe de peças pequenas, recortar e colar.

Conforme a criança vai ganhando confiança, os movimentos passam a ser planejados para que ela alcance seus objetivos, e também no desenvolvimento de recursos de contenção motora, que é quando a criança consegue manter-se por mais tempo na mesma posição.

Esse maior controle sobre sua própria ação acaba resultando na diminuição da impulsividade motora que faz parte das crianças menores.

Encontramos vários jogos e brincadeiras que compõem o universo infantil e que fazem parte de diversas culturas que proporcionam conquistas na precisão dos movimentos e também da coordenação, como pular amarelinha, empinar pipas, atirar com estilingue, jogar bolinha de gude, etc.

Na visão de Vygotsky (1998) o jogo simbólico é como uma atividade típica da infância e essencial ao desenvolvimento infantil, ocorrendo a partir da aquisição da representação simbólica, impulsionada pela imitação. Deste modo, o jogo pode ser considerado uma atividade muito importante, pois através dele a criança criará uma zona de desenvolvimento proximal, com funções que ainda não amadureceram, mas, que a criança irá alcançar em um futuro próximo. Aprendizado e desenvolvimento fazem parte de nossa vida desde o nascimento, e começa muito antes de freqüentarmos a escola. Todas as situações de aprendizado que são interpretadas pelas crianças na escola já têm uma história prévia, isto é, a criança já se deparou com algo relacionado do qual pode tirar experiências.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 27, v.01):

O principal indicador da brincadeira, entre as crianças, é o papel que assumem enquanto brincam. Ao adotar outros papéis na brincadeira, as crianças agem frente à realidade de maneira não-literal, transferindo e substituindo suas ações cotidianas pelas ações e características do papel assumido, utilizando-se de objetos substitutos.

Segundo KISHIMOTO (1994) o desenvolvimento da criança deve ser entendido como um processo global, no brincar a criança está andando, correndo, ou seja, desenvolvendo a sua motricidade paralelamente é um desenvolvimento social, porque ela brinca com parceiros, com pessoas diferentes, nesse momento ela usa regras, adquire informações, estabelece relações cognitivas, discute o que ela acha certo ou errado, nesse momento segundo a autora estamos lidando com ser humano inteiro.

Como podemos perceber os jogos, os brinquedos e as brincadeiras são fontes inesgotáveis de interação lúdica e afetiva para um desenvolvimento pleno.

Segundo Winnicott (1975), “o brincar facilita o crescimento” e, em conseqüência, promove o desenvolvimento infantil. Uma criança que não brinca não se constitui de maneira saudável, tem prejuízos no desenvolvimento motor e sócio/afetivo. Possivelmente tornar-se-á apática diante de situações que proporcionam o raciocínio lógico, a interação, a atenção, etc.

Cabe ao educador a tarefa de estimular as brincadeiras, criar espaços para as crianças que as traduzem, mas que também as modifiquem, que as acolham e também as libertem para criar e recriar, facilitar a disposição dos brinquedos disponíveis, mobiliário, e os demais elementos da sala de aula, de modo que se torne o mais acessível e confortável tanto para ele como para as crianças. O educador também poderá brincar com as crianças principalmente se elas o convidarem, devendo estar sempre atento para respeitar o ritmo deles, sendo necessário ter muita sensibilidade, habilidade e um bom nível de observação para participar de forma positiva.

Portanto, o brincar, como forma de atividade humana que tem grande predomínio na infância, encontra, assim, seu lugar no processo educativo. Sua utilização promove o desenvolvimento dos processos psíquicos, dos movimentos, acarretando o conhecimento do próprio corpo, da linguagem e da narrativa e a aprendizagem de conteúdos de áreas específicas, como as ciências humanas e exatas.

As pesquisas em relação à importância do jogo na infância não são poucas, são várias as concepções, mas, para Wallon, as concepções “se confundem enquanto essa atividade se mantém espontânea e não recebe o seu objeto das disciplinas educativas” (WALLON, p.75, cap. V).

Wallon compreende que as etapas do desenvolvimento evidenciam atividades em que as crianças buscam tirar proveito de tudo. Os jogos comprovam as múltiplas experiências vividas pelas crianças, como: memorização, enumeração, socialização, articulação, sensoriais, entre outras.

Para PIAGET (1982), o jogo não pode ser visto apenas como divertimento ou brincadeira para despender energia, pois ele favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo, social e moral. O conhecimento que é produzido e processado através do jogo ocorre no estágio sensório-motor e pré-operatório. As crianças, desde pequenas, podem estruturar seu tempo e espaço, agindo sobre objetos. Podem ainda desenvolver a noção de casualidade, passando pela representação para chegar, por fim, à lógica. Os obstáculos cognitivos, corporais e emocionais motivam as crianças e os praticantes a usar a inteligência na resolução de situações problemáticas que fazem parte do jogo. (TAVARES et al, 2011, p.18).

As atividades lúdicas possibilitam para as crianças uma atividade prazerosa, que estimula a criatividade e a imaginação, que proporcionam movimentos físicos que ajudam no desenvolvimento integral da criança.

4 CONCLUSÃO

De acordo com as pesquisas realizadas, ficou claro que a Psicomotricidade é de fundamental importância para o pleno Desenvolvimento Infantil.

Ao longo deste artigo foi possível destacar, portanto, que a psicomotricidade busca o entendimento do movimento associado à vida social da criança. Os movimentos se associam ao psiquismo, e quando estimulados de maneira correta, favorecem o desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e psicomotor, possibilitando desenvolvimento integral da criança.

Para que a criança consiga seu desenvolvimento integral, a educação escolar deve estar presente de modo significativo na sua vida. Sendo assim, a Educação Infantil deve ser o espaço onde a criança recebe estímulos para que sejam desenvolvidos os diferentes aspectos, afetivo, motor, cognitivo, entre outros.

Portanto os objetivos dessa pesquisa foram alcançados, pois o resultado dos estudos aponta a importância de se trabalhar a Psicomotricidade para o pleno Desenvolvimento Infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, K. A. Creche e pré-escola é “lugar” de criança? In: FILHO, A. J. M. (Org.). **Criança pede respeito: temas em educação infantil.** Porto Alegre: Mediação, 2005, p. 63-75.

AJURIAGUERRA, Jean. **Manual de psiquiatria infantil*.*** Trad. de Paulo César

SBP. **SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE**. Disponível em:

[www.psicomotricidade.com.br](http://www.psicomotricidade.com.br)

BARROS, Silvana Maria Santana. **A psicomotricidade como fator de influência** **na prontidão para a aprendizagem na escola**. Dissertação- FAMESP

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. VOL.1

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. VOL.3

BUENO, Jocian Machado. **Psicomotricidade – Teoria e Prática**: estimulação,

educação, reeducação psicomotora com atividades aquáticas. São Paulo: Lovise,1998.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. São Paulo. Scipione, 1989.

HAETINGER, Max Gunther. **Movimento**.- 1. Ed., rev.- Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2012.

JOBIM, A.P. ASSIS, A.E.S. **Psicomotricidade:** Histórico e Conceitos.

KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 1994.

LAPIERRE, André; AUCOUTURIER, Bernard*.* **A simbologia do movimento, psicomotricidade e educação.** São Paulo: Manole, 1986.

LE BOULCH. **O desenvolvimento psicomotor do nascimento até 6 anos: a Psicomotricidade na idade de educação infantil**. 4. ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.

LE BOULCH. **Desenvolvimento psicomotor do nascimento até os seis anos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988

LEDOUX, Michel. **Introdução à obra de Françoise Dolto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

LOPES, Jader Janer M.; VASCONCELLOS, Tânia de. 2005. **Geografia da Infância. Reflexões sobre uma área de pesquisa.** FEME, Juiz de Fora, FEME.

MARINHO, H. R. B. et al. **Pedagogia do movimento**: universo lúdico e

psicomotricidade. Curitiba: Ibpex, 2007.

MÜTSCHELE, Marly dos S. **Como desenvolver a psicomotricidade**? Loyola, São Paulo 1996.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. trad. de Maria Alice M. D‘ Amorim e Paulo S.L. Silva, Rio de Janeiro: Forense-Universitária Ltda, 1996.

ROSA NETO, Francisco. **Manual de avaliação motora**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SILVA, Celma Aparecida, **Psicomotricidade na educação infantil e o desenvolvimento psicomotor na educação infantil.** Dissertação (Especialização), AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA, Alta Floresta, 2015.

SILVA, Daniel Vieira da **Educação Psicomotora**. – 1. ed.,rev.atual. – Curitiba, PR. IESDE Brasil, 2012.

TAVARES, H. F. **Ludicidade, corporeidade e arte.** Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD, 2011.

VAYER, P. **O diálogo corporal**. A ação educativa para a criança de 2 a 5 anos. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

VAYER P., PICQ L. **Educação Psicomotora e Retardo Mental**. 4 ed. São Paulo: Manole, 1988.

VYGOTSKY, L. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1992

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WALLON, Henry. **Do ato ao pensamento**: Ensaio de psicologia comparada. Trad.de J. Seabra Dinis, Lisboa: Moraes editora, 1979.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: IMAGO, 1975.